

R e s u m o

A Universidade Aberta tem construído um percurso singular enquanto instituição que atua no campo da educação a distância. O trabalho desenvolvido é representativo de uma atenção contínua aos desafios sociais e, noutra vertente, também às inovações no campo pedagógico. Num momento de comemoração dos 30 anos da UAb e dos 10 anos do Repositório Aberto, faz-se uma breve digressão sobre alguns elementos que têm marcado o caminho pedagógico da universidade.

Palavras-chave: Universidade Aberta; Ensino a Distância Online e em Rede; Modelo Pedagógico Virtual; Inovação em Educação

1 Universidade Aberta: Percurso de inovação e afirmação

Ao longo dos seus trinta anos de existência, comemorados em 2018, a Universidade Aberta conseguiu construir um percurso próprio, enquanto instituição superior de ensino a distância. Este trajeto, que tenho acompanhado internamente quase desde o momento inicial em que a universidade foi criada, tem sido desenvolvido em diferentes fases e tem possibilitado a construção de uma imagem de confiança no trabalho realizado.

Ainda que, ao longo deste percurso, os processos educativos tenham assumido configurações diversas, a essência do trabalho da UAb enquanto universidade a distância e, mais recentemente, como uma universidade online, trabalhando em rede e na rede, tem resultado numa atenção permanente ao importante papel que desempenha na sociedade. De facto, no contexto português, e no panorama mais alargado dos países falantes de português, a educação a distância online e em rede constitui a única forma de facultar às populações adultas o acesso a educação e formação de qualidade, segundo os padrões do trabalho pedagógico com adultos. Partindo da centralidade do estudante, pessoa adulta quase sempre já inserida no mercado de trabalho, procura-se promover a sua responsabilidade e autonomia, possibilitando a construção de percursos formativos com flexibilidade nos espaços e tempos de aprendizagem. Estas são algumas das razões que levam a que a UAb seja cada vez mais a primeira escolha de muitos dos seus estudantes.

Neste caminho que tem vindo a ser construído, a UAb tem-se posicionado, em cada momento, com estratégias de inovação que importa não esquecer, num exercício da memória que nos permite estabelecer relações com a sua história. Destaca-se, por exemplo, na fase inicial de construção e afirmação, o seu lugar como grande editora universitária. Os conhecidos “manuais” de capa azul, elaborados com a qualidade científica e pedagógica própria de uma instituição de ensino a distância, com mais de trezentos títulos publicados, marcaram o panorama editorial universitário, acabando muitos deles por serem utilizados igualmente em diversas instituições de ensino superior presenciais, o que constitui uma particularidade nacional. É também, convém frisá-lo, uma forma de reconhecimento externo.

As experiências com as plataformas de elearning surgem na UAb no início do século XXI, indiciando uma mudança que inevitavelmente se teria de concretizar. A conceção do Modelo Pedagógico Virtual (MPV), publicado em 2007, é, em parte, resultado desse trabalho de inovação e mudança para um novo paradigma no ensino a distância. E emerge, de facto, como uma etapa fundamental neste percurso, impulsionando a renovação pedagógica e criando novas condições para a afirmação da Universidade Aberta.

2 A Universidade Aberta e a educação a distância online e em rede

A construção de cenários pedagógicos baseados nas TIC encontra na educação a distância um contexto privilegiado para o seu desenvolvimento e inovação. Os avanços tecnológicos são indiscutíveis e a sua influência projetou-se naturalmente nos contextos pedagógicos virtuais que caracterizam hoje a educação a distância na Universidade Aberta.

Aprender em ambientes virtuais apresenta desafios importantes, tanto para estudantes como para professores. A atual sociedade em rede coloca-nos em contacto permanente com as tecnologias e a difusão da informação em larga escala. Mas quando pensamos em cenários de aprendizagem, a dimensão pedagógica desenvolvida em contextos online obriga a considerações específicas. O papel da internet e das ferramentas tecnológicas no processo educativo tem no conceito de "networked collaborative e-learning" (McConnell, 2006) um enquadramento a considerar, na medida em que remete para práticas em que a dimensão de colaboração assume um lugar central nesse processo.

Essa dimensão de colaboração vai enfatizar o polo da aprendizagem. A tecnologia será um meio de facilitação do sucesso dessa aprendizagem e, no contexto das novas ferramentas e instrumentos que vão surgindo no universo digital, tem também um papel motivacional.

Por outro lado, proporciona, de uma forma mais acessível, a produção de artefactos de natureza variada, resultantes das aprendizagens efetuadas, potenciando o papel ativo do estudante enquanto produtor de conhecimento e não apenas como consumidor.

Desde que o Modelo Pedagógico Virtual foi elaborado, e em que se propunha um modelo pedagógico centrado numa única plataforma (LMS), verificaram-se importantes desenvolvimentos no que diz respeito às chamadas tecnologias e pedagogias emergentes. Neste âmbito, é fundamental considerar um conjunto de possibilidades pedagógicas que as tecnologias oferecem aos contextos de aprendizagem digital e em rede.

De facto, os ambientes tecnológicos estão constantemente a criar novos cenários para a aprendizagem. A Web 2.0 veio proporcionar um espaço de participação ativa, de interação e de colaboração entre os utilizadores, que ao ser aplicada num processo de ensino e de aprendizagem propicia a criação de ambientes de pesquisa, participação, colaboração e de cooperação entre todos os envolvidos, gerando um ambiente muito favorável para a construção conjunta do conhecimento. Neste sentido, o trabalho pedagógico na UAb tem vindo a incorporar, com diversos graus de intensidade em função da natureza dos cursos e das competências a desenvolver, ferramentas e formas variadas de trabalho.

A Universidade Aberta, através do seu MPV, soube criar um contexto virtual de ensino e de aprendizagem facilitador e potenciador da autonomia do estudante mas, como já foi sublinhado antes, também da construção de comunidades que partilham percursos de trabalho e em que o diálogo em rede é uma estratégia central não só para consolidar os saberes e as aprendizagens como para estreitar relações sociais.

Uma característica importante dos contextos virtuais é a atualização e adaptação permanentes. Por um lado, em função das necessidades pedagógicas que vão surgindo à medida que se constrói e utiliza um determinado contexto, por outro, pelas próprias exigências decorrentes da constante evolução das TIC.

Destacaria, neste ponto, o papel do estudante, que deve converter-se em protagonista das ações formativas de maneira a dispor de mais autonomia e controle sobre o seu próprio processo de aprendizagem. É importante considerar, para além do que se retém na memória a partir de múltiplas instâncias, o processo que conduz à construção do conhecimento em interação com o seu contexto sociocultural. Isto é, mais do que recordar e armazenar informação, o repto educativo atual consiste em apoiar os sujeitos adultos a aprofundar competências para procurar, seleccionar e analisar a informação necessária em diversas fontes. Desta forma, a aprendizagem não se centra no desenvolvimento da capacidade de memorização mas sim nos processos de análise e de reflexão no sentido de se poder fazer um uso inteligente dos múltiplos recursos disponíveis em suportes diversos.

O panorama que Cormier descreveu há 10 anos, quando apontava as alterações na construção do conhecimento decorrentes da "explosion of freely available sources of information [that] ... helped drive rapid expansion in the accessibility of the canon and in the range of knowledge available to learners" (2008), tem vindo a alargar-se substancialmente, colocando desafios permanentes à educação.

O tipo de aprendizagem que adquire particular relevância na sociedade em rede é a que permite ao estudante trabalhar de forma flexível e em autonomia: aponta para objetivos que têm significado para o estudante, acede à informação quando precisa, sente-se responsável pelo que aprende e controla esse processo, sente a aprendizagem como um processo, uma vez que dá origem a produtos contínuos. Em ambientes de aprendizagem online e em rede, é também um estudante que ganha confiança crescente face aos ambientes digitais, revelando maior competência nas literacias digital e da informação (como estudos dentro da própria Universidade aberta comprovam, cf. Novo, Bastos & Vasconcelos, 2016), fundamentais na sociedade atual. De facto, nos ambientes de aprendizagem digital vivem-se os processos de pesquisa em contexto real e significativo, articulando-se muitas vezes com os próprios contextos profissionais e contribuindo para um maior enriquecimento nas transferências entre trabalho académico e profissional.

Nestes contextos, o professor tem sobretudo um papel de assessor e guia, sendo responsável por proporcionar o enquadramento educativo e orientar o estudante na construção de um percurso que o ajude a transformar as diversas interações (com os conteúdos e com os pares) em conhecimento. Isto exige a presença e atenção constantes do professor, cuja "voz", neste processo, se consubstancia de diversas formas. Neste quadro, por exemplo Salmon (2003), a partir do termo "e-moderating" vai delinear a extensa variedade de funções que o docente online deve demonstrar.

Os contextos virtuais são também um instrumento chave para a educação permanente, possibilitando a aprendizagem contínua: a aprendizagem já não se reduz a um período concreto no tempo, e a educação online permite uma organização flexível do tempo e dos processos formativos de maneira a corresponder aos interesses e necessidades individuais. Sabe-se que o estudante adulto é mais autodirigido na sua aprendizagem, procura aprofundar aspetos específicos que têm mais interesse em termos pessoais e/ou profissionais. Pode também ser mais ativo na solução de problemas e na sua aplicação à vida real, está mais interessado na criação de coisas reais e pode mostrar uma grande variedade de estilos de pensamento e de aprendizagem, com mais sentido da responsabilidade pessoal no processo de aprendizagem (cf., por exemplo, Lynch, 2002; McConnell, 2006; Selwyn, Gorard & Furlong, 2006).

A Universidade Aberta tem cumprido largamente a sua missão e vocação de dar a possibilidade a largas camadas da população, já inseridas no mercado de trabalho, de aprofundar os seus conhecimentos e adquirir novas competências fundamentais para os papéis que desenvolvem na sociedade. Ao atuar no universo da educação a distância online, com uma oferta pedagógica flexível e atenta a necessidades diversificadas, tem conseguido afirmar o seu lugar no campo da educação formal mas igualmente no âmbito de ofertas formativas curtas que cumprem objetivos mais específicos, muitas vezes em parceria com entidades diversas. Neste caminho, a UAb já não é uma segunda escolha, mas sim uma opção consciente de pessoas que buscam a qualidade formativa aliada à mobilidade e flexibilidade.

3 A Universidade Aberta e os caminhos em construção

O movimento ligado aos recursos abertos tem igualmente tido implicações importantes na educação a distância online e em rede. Como referem Weller & Anderson (2013), "Open Access is one component of a global move to openness, participation, transparency and accessibility noted in business, government, non-profit and educational sectors", e em especial o campo da ciência e da educação têm estado intrinsecamente ligados a esta questão, com o número de publicações científicas em acesso aberto a crescer todos os anos.

Esta situação tem-se concretizado igualmente na Universidade Aberta de diversas formas. O Repositório Aberto, com dez anos de existência em 2018, é uma das vertentes do compromisso com esse posicionamento. Neste domínio, importa salientar que o Modelo Pedagógico Virtual é simultaneamente adjuvante e beneficiário desta tendência do acesso aberto. DE facto, a característica de abertura da UAb tem-se estendido à produção de conteúdos educativos próprios disponíveis em acesso aberto mas também a um incremento da utilização de documentos em livre acesso e de REA (cf. a mais recente definição em The William and Flora Hewlett Foundation, 2018) nos percursos pedagógicos da oferta formativa formal e não formal. Esta possibilidade de se aceder e usar recursos abertos nos processos de ensino e aprendizagem tem sido um dos desenvolvimentos mais interessantes e significativos na educação atual.

Amplia-se, por esta via, a diversidade das fontes e dos recursos que alimentam a construção individual e coletiva do conhecimento e das competências nos estudantes.

Ainda no campo da educação aberta, a iniciativa Aula Aberta, para além de expandir a participação da UAb neste movimento, é entendida ainda como um lugar para a inovação. A educação aberta pode assim assumir para si também uma dimensão de educação para a mudança, já que proporciona o acesso não só a conteúdos isolados, mas organizados de acordo com princípios que facilitam a apropriação efetiva dos saberes e um desenvolvimento progressivo das competências associadas. A Universidade Aberta deve utilizar este contexto para alcançar melhores formas de afirmação, mas sobretudo de comunicação do seu valor.



Referências bibliográficas

Cormier, D. (2008). Rhizomatic Education: Community as Curriculum. *Innovate: Journal of Online Education*, 4 (5): Article 2. Available at: <http://nsuworks.nova.edu/innovate/vol4/iss5/2>

Lynch, M. M. (2002). *The online educator: A guide to creating the virtual classroom*. Londres: Routledge.

McConnell, D. (2006). *E-learning groups and communities*. Maidenhead: McGraw-Hill Education.

Novo, A.; Bastos, G. & Vasconcelos, A. (2016). Effects of a virtual learning environment on librarians' information literacy and digital literacy competences. In Serap Kurbanoğlu, Joumana Boustany, Sonja Špiranec, Esther Grassian, Diane Mizrachi & Lorie Roy (Eds.). *Information Literacy: Key to an Inclusive Society*, Springer. DOI: 10.1007/978-3-319-52162-6

Salmon, G. (2003). *E-moderating: The key to teaching and learning online*. Londres: Routledge.

Selwyn, N.; Gorard, S.; Furlong, J. (2006). *Adult learning in the digital edge*. London/New York: Routledge.

The William and Flora Hewlett Foundation (2012). OER defined. Available at: <http://www.hewlett.org/programs/education-program/open-educational-resources>

Weller, M. (2012). The openness-creativity cycle in education, *JIME*. <https://jime.open.ac.uk/articles/10.5334/2012-02/>

Weller, M. & Anderson, T. (2013). Digital resilience in higher education. *European Journal of Open, Distance and e-Learning*, 16(1) p. 53.